

O arquivo do projecto de arquitectura como questão cultural: a acção da Fundação Marques da Silva

Rui Jorge Garcia Ramos | Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de
Arquitectura da Universidade do Porto

Comunicação apresentada em 19 de Maio, 2013, na conferência *Contentor e Conteúdo: interseções entre Museologia e Arquitectura*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, organizado por Susana Rosmaninho e Miguel Tomé.

Colocar em questão o papel do arquivo do projecto arquitectónico implica cruzar o debate sobre o trabalho do arquitecto e o seu significado contemporâneo como projecto e cultura.

Do arquivo do "papel desenhado", que perdeu a sua directa utilidade política,¹ surge a possibilidade e a necessidade de reflectir sobre o tempo de hoje. Um tempo determinado por espaços e relações e que interagem sobre nós. Vivemos rodeados por arquitectura e, sem o poder evitar, a nossa existência incorpora esta relação, por vezes construtiva, outras vezes destruidora, mas sempre conformadora do quotidiano.

Por isto, falar de arquivos de arquitectura não é apenas falar de *arquivos*, mas é falar de uma possibilidade de outro conhecimento onde a história tem um papel fundamental na leitura do real.

Esta perspectiva pode constituir uma linha de rumo para a acção da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva (FIMS); organizar um arquivo de arquitectura,² com recurso a técnicas e a disciplinas próprias, é, não só colocá-lo globalmente acessível, mas também articulá-lo com as suas extensões dialogantes — ou seja, com a realização de exposições e de seminários, de publicações, de visitas ao arquivo e aos locais das edificações, como natural prolongamento do material desenhado que serviu para conduzir as obras; isto significa, primordialmente, tornar o arquivo aberto e disponível para acolher investigadores e investigações, apesar de inevitáveis limitações, numa rede partilhada por diferentes patamares institucionais e para diferentes utilizadores e públicos, numa autêntica vontade de acolher uma polifonia de

¹ LONG, J. J., 2007, *W. G. Sebald: Image, Archive, Modernity*, Edinburgh, Edinburgh University Press.

² Presentemente o arquivo da FIMS incorpora desenhos de projecto, bibliotecas especializadas e documentos contextuais da acção dos seus produtores.

olhares. Com isto pretende ultrapassar-se o maior risco de um arquivo que é a sua inutilidade; ou, dito por outras palavras, pretende-se "(...) continuar a ser útil em si próprio a gerações futuras, a ter valor intrínseco fora do seu contexto histórico".³

Contudo este propósito não pode iludir que um arquivo, ao ser um campo de conhecimento e de comunicação, está aberto ao debate e à controvérsia sobre o espaço/tempo onde vivemos. Por isto julgamos que o arquivo — tal como o museu noutro âmbito — não é apenas um repositório passivo, mas também um instrumento de cultura arquitectónica, disponível para agir sobre os espaços de vida e sobre os desafios que hoje se colocam.

1 A história e o trabalho do arquitecto

A história é essencial para o trabalho do arquitecto; e o trabalho do arquitecto é elaborar um projecto arquitectónico que é, antes de mais, um instrumento de construção de um presente próximo. Como tal, a criação arquitectónica surge, inevitavelmente, da necessidade de dar resposta a problemas actuais — por exemplo, da organização de programas funcionais, da produção e uso do espaço, da atribuição de significado e de valor simbólico, da satisfação dos objectivos do cliente, aspectos que se cruzam, não apenas com factores construtivos e económicos, mas também de desenho da cidade e de política urbana.

Contudo esta reflexão só se efectiva com uma espessura prática, isto é, só incorpora uma cultura, na medida em que o arquitecto, no seu trabalho diário, reconhecer a tradição que o antecedeu — a experiência de séculos de construções, umas bem sucedidas e outras desastrosas... Enfim, quando reconhecer essa experiência como um ensinamento que move o seu pensamento e projecto. A centralidade desta ideia foi colocada, entre muitos, por T. S. Eliot ao referir a necessidade de cada artista reconhecer a herança que lhe corre no sangue.⁴

Não se trata de palavras vazias na vida dos arquitectos; por exemplo, este é o motivo do interesse dos arquitectos por outras arquitecturas, porque só conhecendo as obras dos outros podem ter consciência plena da sua e

³ ELIOT, T. S., 1992 (1961), "Crítico o crítico", in Maria Adelaide Ramos (ed.), *Ensaio Escolhidos*, Lisboa, Cotovia, p. 238.

⁴ Idem., 1997 (1920), "A tradição e o talento individual", in J. Monteiro-Grillo (ed.), *Ensaio de Doutrina Crítica*, Lisboa, Guimarães Editores, p. 21-32.

aprofundar o seu projecto. O quer dizer também que só conhecendo a história dos outros se pode estar em posse plena da sua.⁵ Motivo pelo o qual, tal como refere Aldo Rossi,⁶ está vedado ao arquitecto viajante a possibilidade de ser um descomprometido turista. Facto que explica as suas insaciáveis jornadas para visitar e conhecer outras obras, outras cidades e outros tempos, como constituição de um campo primordial de reflexão e referente da sua acção.⁷

Assim, a história pode ser observada como um instrumento importante na produção arquitectónica, o que não significa ignorar a controvérsia deste tópico ao longo do século XX,⁸ campo de batalhas disciplinares que determinam, por exemplo, diferentes processos de formação académica dos arquitectos e diferentes modos de actuação profissional.

A maturidade de uma arquitectura e de uma cultura arquitectónica reflectem a sociedade onde foram geradas e, conseqüentemente, têm uma história atrás de si: *uma história que não é meramente uma crónica, nem uma acumulação de desenhos, mas um processo que permite realizar a suas próprias potencialidades dentro das suas próprias limitações.*⁹ Ainda a este respeito e observando sempre a sua acção, Álvaro Siza é muito claro:

*"Os instrumentos de reconhecimento do real chama-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura contemporânea."*¹⁰

2 A urgência do "regresso ao arquivo"

Para a arquitectura responder às circunstâncias actuais, na perspectiva apresentada, torna-se indispensável o que designo por "regresso ao arquivo". Isto é, voltar a olhar obras esquecidas, ou obras conhecidas de todos mas desvalorizadas por leituras ínvias que, numa atenta observação de como *trataram-em-obra* os problemas enfrentados, podem revelar inesperados

⁵ Idem, 1992 (1945), "O que é um clássico?", in Maria Adelaide Ramos (ed.), *Ensaio Escolhidos*, Lisboa, Cotovia, p. 137.

⁶ ROSSI, Aldo, 1984 (1981), *Autobiografia Científica*, Barcelona, Gustavo Gili.

⁷ BUCKLEY, Craig, RHEE, Pollyanna (ed.), 2011, *Architect's journeys: building, travelling, thinking*, Pamplona, T6 Ediciones.

⁸ PIZZA, Antonio, 2000, *La Construcción del Pasado: Reflexiones sobre Historia, Arte y Arquitectura*, Madrid, Celeste Ediciones.

⁹ ELIOT, T. S., 1992 (1945), "O que é um clássico?", [op. cit.], p. 131-132.

¹⁰ Citado por Alexandre Alves Costa em "Identidade nacional e património construído: arquitectura, cidade e território" (*ecdj*, nº 12, Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009, p. 53-58).

ensinamentos. Trata-se da necessidade de reolhar a cidade, não somente como acontecimento monumental, mas também como sequência de momentos e processos que, ao longo do tempo, edificam espaços expondo pensamento e acção, organização e transformação... Pensamos no arquitecto Marques da Silva (1869-1947) na obra da Estação Ferroviária de S. Bento (Porto, 1896) como cúmulo de um processo político, urbano, técnico, funcional e simbólico; ou no Edifício Quarteirão Conde de Vizela, nas Carmelitas (Porto, 1922), um dos maiores e mais sofisticados edifícios da primeira metade do século XX no Porto, onde o diferente tratamento das fachadas problematiza relações precisas e diversas com o tecido urbano circundante.

Esta releitura permite considerar outra história da arquitectura e da cidade, que aprofunda a razão e a forma pela qual se construiu, clarificando tempos e identidades, que se revelam em extroversão e cosmopolitas ou, pelo contrário, de apego à "terra". Esta história do espaço, onde gradualmente a história dos estilos se dissolve,¹¹ que passa pelo urgente "regresso ao arquivo", deve ser considerada como uma oportunidade para o desenvolvimento da acção da FIMS, sustentada no seu arquivo de projectos de arquitectura, na investigação e na comunicação.

A qualidade documental e a integridade únicas do acervo de Marques da Silva, origem do arquivo da FIMS, permitem olhar amplamente a obra de Marques da Silva e a partir dela construir diferentes olhares sobre outros arquitectos que transformaram a cidade do Porto; ou seja, o arquivo é entendido como suporte disponível para outras formas de conhecer. É neste entendimento do "regresso ao arquivo", iniciado com o trabalho seminal de António Cardoso,¹² que a FIMS pretende perspectivar a sua acção, quer ampliando o seu arquivo, com a integração de outros acervos de arquitectos, quer potenciando diferentes interpretações deste conjunto documental.

Estas oportunidades devem ser aprofundadas com todos, com os técnicos, com os investigadores e com os públicos-alvo, no sentido de se articularem iniciativas e atingirem resultados, em todas as fases e etapas de trabalho. Desta forma, a acção da FIMS parte do diálogo entre as necessidades arquivísticas e as necessidades de investigação, por exemplo, através da definição das prioridades, da colaboração para o estudo de temas e de determinados conjuntos documentais, da criação de condições efectivas para o trabalho de todos, de

¹¹ VIDLER, Anthony, 1998, "Space, Time, and Movement", in R. Koshalek, E. A. T. Smith (org.), *At the end of the century: one hundred years of architecture*, Los Angeles, Harry N. Abrams, p. 103.

¹² Na época a sua investigação sobre Marques da Silva foi particularmente incompreendida pela história ortodoxa.

contratos de residência científica (nas áreas da arquitectura, das artes, da arquivística e do restauro), num debate que não se pode alhear da cultura arquitectónica contemporânea.

Esta proposta de trabalho, apesar das diferenças que as separa, segue alguns exemplos como o de Anthony Vidler — que regressa ao arquivo do Canadian Centre for Architecture para descobrir outras dimensões da obra do arquitecto James Stirling (1942-1992)¹³; ou de Marta Rocha e Rui J. G. Ramos — que revisitam o arquivo familiar de Raul Lino (1878-1974) para observarem outra dimensão da acção do homem e do arquitecto, nomeadamente através dos seus pareceres institucionais como uma produção teórica discreta, mas significativa na compreensão da época e da obra.¹⁴ O "regresso ao arquivo" é, assim, um caminho de oportunidade, que deve atender simultaneamente às questões de arquivar, investigar e comunicar.

3 O enigma do "museu" de arquitectura

Prosseguindo esta leitura de oportunidades regista-se no documento que institui primeiramente o Instituto, em 1994, e, posteriormente, a Fundação a expectativa, talvez um pouco enigmática e constringedora, de criação de um "museu" de arquitectura.

Refiro "enigmática e constringedora" porque o programa deste "museu" não vai além das intenções gerais, sendo actualmente difícil de entender uma ideia de museu associado a um arquivo de arquitectura como mero local de exposição, no sentido canónico, de documentos. Esta dificuldade liga-se também com a necessidade de entendimento actual do museu em rede, nacional e local, onde define o seu funcionamento e viabilidade, mas também com razões técnicas relacionadas com a inadequação dos materiais a expor (desenhos frágeis, pequenos cadernos... apesar da sua beleza), bem como com a assertividade dos dispositivos expositivos (meios e formas) para uma comunicação abrangente. Julgamos que, sem dissuadir o objectivo instituído, a ideia de museu pode ser questionada e transformada, antes de mais, colocando-a

¹³ VIDLER, Anthony, 2010, *James Frazer Stirling: Notes from the archive*, Canadian Centre for Architecture.

¹⁴ RAMOS, Rui Jorge Garcia, 2011, "A perspectiva das coisas. Raul Lino em Cascais", *Monumentos*, nº 31, p. 106-121.

Idem, ROCHA, Marta, 2011, *Reconstituição da conferência «Casas Económicas» proferida por Raul Lino no Instituto de Engenharia de S. Paulo*, Brasil, em Junho de 1935, Arquivo Marta Rocha, 27 pág. [documento digital]

como projecto de abertura do arquivo e de comunicação da arquitectura com meios e para públicos diversificados. Assim, da dificuldade inicialmente sentida pretendemos ver uma oportunidade, onde o "museu" deve ser um meio de comunicação deste projecto, catalisador da importância da arquitectura e de presença da cultura arquitectónica no nosso quotidiano, da leitura da história e da cidade. Ou seja, não pretendemos comunicar arquitectura através de edifícios isolados, mas, antes de mais, como parte indissociável do processo de construção da cidade.

Pretendemos conduzir este projecto começando por usar a nossa própria "casa", a sede da fundação e os arquivos que ela guarda. As casas da Praça do Marquês de Pombal — a casa-mãe (da família Lopes Martins), a casa-atelier (construída por Marques da Silva) e o pavilhão no jardim — são em si mesmas uma oportunidade para falar de arquitectura na abertura do século XX e da cidade do Porto nessa época. Através de analogias e afinidades com as produções da época, em diferentes locais e contextos, são perceptíveis as transformações em curso no espaço doméstico, o que representa mudanças nos comportamentos e na mentalidade, mas também na sua relação com a cidade. Estas casas não são exemplos únicos no Porto, nem Marques da Silva foi o único arquitecto a trabalhar no seu tempo... portanto interessa-nos que esta leitura seja feita sempre com vista para cidade, mostrando que cidade é um esforço colectivo. Das casas saímos para visitar a cidade, por exemplo, em visitas guiadas... procurando demonstrar esta leitura intertextual.

Também, ao afastarmos qualquer ideia de casa-museu, pretendemos ocupar as casas como espaços de vida da Fundação. Ou seja, onde se trabalha e investiga, com algumas áreas especialmente preservadas como documento de certos dispositivos espaciais e funcionais, como a cozinha ou "central living hall" na casa-atelier. Estas casas, devem por isso, permitir a coabitação de diferentes formas de estar, tal como já aconteceu as exposições-instalação, em 2012, "Fotografia Espaços de Luz e Sombra" (ESAP) e, em 2013, "Fernando Távora «Uma porta pode ser um romance»" (UP, FAUP, FIMS), onde se comunicam investigações realizadas no campo das artes e da arquitectura a par de trabalhos em curso no campo do restauro e do arquivo. Por isso, a visita a estas casas, espaços de trabalho e de comunicação, deve ser entendida como uma visita à própria arquitectura e a uma forma de a entender; casas que foram outrora local de vida privada, que construíram cidade e que hoje são casas novas, recuperadas para outra vida.

Perspectivas

Esta vontade de abrir as casas e de lhes dar uma rotina diária multifacetada ou, ainda, de abrir o seu jardim ao bairro e à cidade, permite focar a acção da FIMS em dois tópicos: 1) a recuperação das casas, já iniciada, como aspecto central para o aprofundamento das oportunidades apontadas; 2) a resolução do problema técnico do depósito, de longa duração, dos desenhos de arquitectura, que entretanto tendem a aumentar ao incorporamos outros acervos. Para este último aspecto estamos a estudar com a Reitoria da UP, com as Faculdades de Belas-Artes, de Letras e de Arquitectura, instituições com arquivos de desenhos e que intervêm neste tipo de materiais, a construção de uma infra-estrutura conjunta dedicada à preservação e guarda destes documentos, libertando assim as casas da FIMS para trabalharmos, para acolhermos investigadores, para comunicar aquilo que nos move... a arquitectura e a cidade.